

TOPONÍMIA EM DESTAQUE: UM OLHAR PARA A HISTÓRIA, A CULTURA E A LÍNGUA DE UMA COMUNIDADE

Márcia Suany Dias Cavalcante (UEMASUL)

marciasuany@hotmail.com

Danielle Barbosa dos Santos (UEMASUL)

Amanda Maria Alexandre Santos (UEMASUL)

RESUMO

A Toponímia está voltada para a pesquisa de nomes de lugares, por meio de um levantamento histórico, etimológico e linguístico dos topônimos, compreendendo que o nome de um lugar é sua marca identitária, sendo motivado por fatores que vão desde a história de quem nomeia, aos fatores geográficos e socioculturais do lugar. Como ramo da Lexicologia, é uma importante fonte de conhecimento da língua e da cultura de um povo. Assim, este trabalho está voltado para o estudo da Toponímia, concentrando-se nas motivações da nomeação de Imperatriz/MA, bem como dos principais bairros, especificamente aqueles adjacentes ao centro desse município. A base teórica está, principalmente, nos estudos de DICK (1990), CARVALINHOS (2002-2003), e CURVELO (2014). A pesquisa foi documental e exploratória, com análises de referenciais teóricos e documentos, questionários, entrevistas e diálogos com moradores da cidade investigada. Este estudo buscou contribuir para a compreensão e para a preservação da identidade cultural do município de Imperatriz/MA, bem como ampliar os conhecimentos relativos aos fatores linguísticos e ao contexto histórico-cultural intrínsecos ao processo de nomeação.

Palavras-chave:

Cultura. História. Língua. Toponímia.

1. Introdução

Considerando que a história de um povo está associada ao seu léxico, os estudos toponímicos surgem com a pretensão de levantar topônimos e, a partir deles, entender e desvendar um pouco mais da história linguística e sociocultural de um dado povo.

Por esse motivo, o ramo da lexicologia expande-se, dando abertura para a onomástica, a qual origina a toponímia, caracterizando uma vasta área de investigação histórica e cultural por meio do uso da língua. Pois, nome de um lugar é sua identidade, a qual revela motivação gerada por fatores que envolvem a história tanto de quem nomeia, quanto do lugar nomeado.

Assim, os estudos desse ramo constituem uma rica fonte de conhecimento da língua e da cultura de um povo, pois permitem um maior

entendimento histórico, linguístico e cultural de uma determinada comunidade, uma vez que, para a sua realização, são levados em consideração inúmeros aspectos, desde os fatores linguísticos, aos fatores extralinguísticos de um povo.

A partir dessas considerações, a ideia deste trabalho é a de justamente se vincular às propostas teóricas do ATB – Atlas Toponímico do Brasil –, que realiza os estudos do homem e da sociedade por meio da linguagem e da investigação onomástica, sempre relacionando e enfatizando a interrelação língua e cultura. Dessa forma, a abordagem dos estudos lexicais busca trazer à tona também os aspectos etnolinguísticos e antropoculturais dos topônimos.

2. Nomeação e registro: da Lexicologia à Toponímia

O processo de nomear elementos do mundo, lugares, objetos, pessoas é uma atividade inerente ao ser humano, uma vez que é desse modo que este se apropria do próprio mundo. Desde os primórdios, o homem, utilizando a linguagem, faz registros da sua história por meio da nomeação, imprimindo, assim, traços culturais de sua comunidade e construindo um léxico. Dessa forma, é levantada uma reflexão de um ponto de vista panorâmico quanto ao histórico da atividade de nomeação, pois desde o princípio de tudo, conforme a Bíblia, essa atividade é posta como fundamental.

Segundo Curvelo (2014), a preocupação em nomear todos os seres (animados e inanimados) existentes no mundo iniciou-se desde a criação deste e perpetua-se até os dias atuais. Portanto, essa autora (2014, p. 37) observa: Desde a criação do mundo e de tudo que há nele, sempre houve a preocupação de nomear o que existe. Exemplo disso vemos na Bíblia que conta sobre a criação do mundo e sobre a história do povo hebreu, o Gênesis. No capítulo dois, versículo dezenove a vinte desse livro, temos que Deus, depois de formar todos os animais que existem, levou-os ao homem para ver como este os chamaria.

Objetivava Deus que todos os seres fossem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse. Assim, o homem designou com nomes todos os seres que Deus lhe apresentou. [...] Ainda hoje o processo de dar nomes é o mesmo, pois tudo que surge vai sendo nomeado e tendo existência comprovada.

Nesse sentido, a Lexicologia é uma linha de estudos destinada ao resgate da significação dos nomes com o objetivo de analisar, segundo Dal Pizzol (2014), a relação da língua com o “universo natural, social e cultural, a transposição de uma realidade infinita e contínua a um número de lexias” (ANDRADE, 2010, p. 101 *apud* DAL PIZZOL, 2014).

Assim sendo, a Onomástica é uma ramificação da Lexicologia, destinada aos estudos dos nomes próprios. Conforme Curvelo (2014), “a prática do saber humano de dar nomes, de fazer conhecer os nomes dados, de conhecer pelos nomes, é estudada pela Onomástica”. Esta se divide entre outras duas ramificações: a Antroponímia, com o estudo dos nomes próprios de pessoas; e a Toponímia, com os estudos dos nomes de lugares. Este último integra-se como centro dos estudos desta pesquisa.

Entendendo-se que a Toponímia é uma vertente da Onomástica, a qual dirige o estudo de nomes de lugares, concebe-se como topônimos os nomes destinados a deliberados locais, a exemplo de países, estados, cidades, bairros, ruas, praças, fluxos de água, arquipélagos, ilhas, dentre demais logradouros ou acidentes geográficos. Desse modo, os eventos toponímicos emolduram-se à história, cultura e língua de um dado povo, registrando-as. Por conta disso, esses eventos possuem motivações distintas: se por um lado há as motivações antropoculturais, que resultam das atividades culturais humanas, por outro há também as motivações físicas, que se estruturam conforme as condições naturais e geográficas de uma região ou lugar.

Nesse sentido, Faggion e Misturini (2014, p. 143) afirmam que: A toponímia possui, portanto, um caráter multidisciplinar, que engloba, dentre outras disciplinas, a linguística, a história, a geografia e os estudos sociais. Topônimos são nomes de lugares, e nomear lugares é uma atividade muito antiga. Os relatos bíblicos já registram nomes de países, regiões, reinos, montes, planícies, cidades. A localização espacial é inerente à vida humana. Saber onde se está, ou aonde se quer chegar, ou de onde se partiu, é, muitas vezes, um conhecimento importante, não raras vezes essencial à própria sobrevivência.

Essa multidisciplinariedade ocorre, logo, podem ser levadas em consideração as múltiplas abordagens da toponímia, que variam conforme o seu corpus e a área de atuação do pesquisador, fazendo com que a pesquisa incline-se para diversas áreas. Essa característica faz da toponímia uma ciência com grande potencial de recursos a serem explorados, além de atribuir a mesma relevância atemporal, pois tanto no passado,

quanto na atualidade há atividades toponímicas. Os estudos toponímicos no Brasil Os estudos toponímicos do Brasil passaram por uma evolução com o passar do tempo. Tanto os aspectos teóricos quanto os metodológicos foram desenvolvidos e aperfeiçoados desde os primeiros estudos, os quais, inicialmente, limitavam-se ao levantamento etimológico de nomes de origem tupi, pois, ao longo do século XX, os focos principais desses estudos tinham como corpus as línguas indígenas. Esses estudos linguísticos possuíam cunho filológico, por esse motivo seguiam um princípio de imutabilidade. Nesse sentido, Carvalhinhos (2008, p 11.) afirma que “uma vez fixado, o topônimo se cristaliza, ou seja, não se transforma mais com o resto das palavras de um sistema linguístico – e é essa característica que o torna tão precioso para os estudos linguísticos, sobretudo os de cunho filológico”.

Assim, entre os estudiosos dessa modalidade, foram pioneiros Frederico Edelweiss, na Bahia, e Rosário Farâni Mansur Guérios, no Paraná, além do Prof. Dr. Plínio Ayrosa, responsável pelos estudos da Cadeira de Etnografia e Língua Tupi, fundada na Universidade de São Paulo em 1934.

Posteriormente, os estudos toponímicos ampliaram-se e ganharam dimensões cada vez maiores, tornaram-se autônomos e conquistaram espaço, abandonando a função de ser meramente uma “ferramenta para recuperação linguística”, como menciona Carvalhinhos.

Em suma, pode-se afirmar que, de acordo com Carvalhinhos (2008, p. 3-4.), no Brasil, três frentes principais de estudos toponímicos destacaram-se após a sistematização da disciplina no século XIX. Dentre elas, a perspectiva inicial, com foco etimológico, “ou seja, a toponímia como ferramenta para a reconstituição de línguas antigas”; uma segunda frente que se identifica no “trabalho conjunto da toponímia com a geografia e cartografia”, no sentido da criação de comissões com o intuito de normatizar as terminologias geográficas; e a terceira perspectiva, que resulta da união de duas perspectivas anteriormente descritas, a qual é realizada de modo a priorizar os estudos linguísticos.

Diante dos progressos positivos nos estudos toponímicos, é nítido o engajamento de diversos pesquisadores no estudo das motivações dos topônimos, no entanto ainda há muito a ser feito. É necessário que além das macroanálises, sejam realizadas também as microanálises com foco em pequenos núcleos, contemplando além dos estudos toponímicos regionais e estaduais, os estudos municipais, visando um resgate indenitário

de cada povo e contribuindo para a completitude do projeto Atlas Toponímico do Brasil.

3. Os estudos toponímicos no Maranhão

O foco dos estudos dos topônimos maranhenses, geralmente, está voltado à microtoponímia. Além de Vieira Filho (1971) e Melo (1990), essas pesquisas têm como representante Pereira (2003), a qual realizou um excelente trabalho microtoponímico em Arari. Além dela, também apresentou grandes resultados Ramos (2005), por meio de um estudo das línguas indígenas, realizando uma análise étnica. Esses estudos toponímicos, com foco no Maranhão, ainda que pouco explorados, têm adquirido maior força nos últimos anos com as contribuições de duas grandes pesquisadoras toponimistas.

São elas Curvelo (2014) e Castro (2017), enquanto a primeira propõe-se a uma análise microtoponímica dos bairros ludovissenses, a qual consiste no estudo de atuais 81 nomes de bairros da capital do Maranhão, sob a perspectiva da sua origem e evolução histórica, a outra atém-se a um estudo macrotoponímico do Maranhão, o qual consiste na análise semântica de topônimos maranhenses. Ambos estudos são enriquecedores para o estado do Maranhão, no entanto, ainda não permitem construir um perfil toponímico estadual generalizado, pois cada município possui suas particularidades e essas devem ser atendidas pela microtoponímia local, específica de cada cidade.

Portanto, este estudo surge para contribuir com a construção precisa do Atlas Toponímico Maranhense.

4. As taxionomias toponímicas

Para realizar classificações, é necessário, a priori, adotar conceitos e terminologias, pois esses sustentam códigos e possibilitam a comunicação por meio de uma linguagem científica. Em função disso, surgem, por intermédio de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, as taxionomias toponímicas, com o intuito de classificar topônimos conforme suas motivações.

Assim, as terminologias servem para sistematizar a língua e organizá-la de maneira padrão. Com o passar do tempo, os estudos terminológicos aperfeiçoaram-se e técnicas foram desenvolvidas, para melhor contemplar sua área de atuação.

Nesse sentido, é motivado pela necessidade de sistematização da toponímia, que são desenvolvidos modelos de classificações taxionômicas de topônimos, uma vez que a toponímia vincula-se às ciências do léxico. Por esse ângulo, Pereira e Nadin (2017, p. 224) respaldam que esses modelos de taxes foram “elaborados por diferentes estudiosos do assunto e em diferentes fases da história da disciplina para recuperar a motivação da origem dos topônimos”.

Assim, segundo eles (2017, p. 225), destacam-se nomes de estudiosos, nacionais e internacionais, os quais dedicaram-se à busca de um modelo padrão de classificação toponímica. Dentre esses, há Albert Dauzat, estudioso dos topônimos franceses; Ivo Xavier Fernandes, em seu estudo Topônimos e gentílicos; José Leite de Vasconcellos, com a proposta de estudar os nomes de lugares de Portugal; Everardo Backheuser, o qual classificou os topônimos a partir de categorias gramaticais; George Stewart, que divulgou mecanismos da nomeação onomástica; Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, a qual elabora um modelo taxionômico que cataloga o topônimo no nível sincrônico; e Salazar-Quijada, que também propõe um modelo taxionômico para classificação dos topônimos. Quanto a isso, Pereira e Nadin (2017, p. 230-1) verificam que: Dos estudiosos mencionados, somente os modelos de classificação de Dick e Salazar-Quijada possuem, de fato, características de terminologia, uma vez que os termos taxionômicos utilizados e/ou elaborados por esses estudiosos possuem um valor semântico e funcional-descriptivo que dá conta da motivação toponímica em questão. [...], Gonsalves acrescenta que Dick completa as tendências classificatórias que podem estar presentes na toponímia de uma região, pois enquanto Dauzat (1926) encontrou duas tendências, a mística e a realista, Dick (1992) evidenciou 27 e as dividiu em taxionomias de natureza física e de natureza antropocultural. (PEREIRA; NADIN, 2017, p. 230-1).

Diante disso, é notável o destaque obtido por Dick em seu modelo taxionômico, o qual visa realizar uma análise linguística, semântica, extralingüística e antropocultural. Ela, conforme Pereira e Nadin (2017, p. 231), proporciona uma análise que não se limita aos aspectos internos da língua, mas também tenta explicar a realidade toponímica por meio de fatos característicos da área pesquisada, assim, “os resultados não ficam restritos ao plano das microestruturas regionais”.

Portanto, para a classificação dos dados adquiridos, utilizou-se o modelo metodológico proposto por Dick, o qual classifica as motivações por ordem de natureza física ou por ordem de natureza antropocultural.

Além disso, foi elaborada uma ficha lexicográfica, com registros dos dados obtidos sobre os topônimos, sejam eles linguísticos, etimológicos ou históricos.

5. Corpus e métodos

Os objetos de estudo desta pesquisa toponímica encontram-se na cidade de Imperatriz, o segundo município quanto ao número de habitantes e renda per capita do estado do Maranhão. Assim, configuram-se enquanto corpus deste estudo nove bairros da cidade de Imperatriz, MA. Para a definição do corpus, foi realizado um recorte baseando-se em dois momentos históricos do município: a fundação da cidade às margens do Rio Tocantins, em 1852; e a construção da Rodovia Belém Brasília, em 1958.

Nesse sentido, visa-se analisar os primeiros bairros desenvolvidos na cidade, os quais localizam-se às margens do Rio Tocantins, tal como o bairro Beira Rio, e próximos à margem, como os bairros Bacuri, Centro e Juçara. Além disso, vale ressaltar a importância dos bairros que se desenvolveram após a abertura da Rodovia Belém Brasília, pois esses marcam o desenvolvimento e crescimento da cidade. São eles os bairros Entroncamento, Mercadinho, Nova Imperatriz, Vila Lobão e Vila Carajás. Dessa forma, essa pesquisa teve como percurso metodológico, além da pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, uma vez que tem em documentos uma importante fonte de obtenção de dados.

Nesse sentido, foi imperativa a análise de alguns documentos para se alcançar os objetivos propostos. Outrossim, precisou-se, também, recorrer a uma pesquisa exploratória baseada em questionários, entrevistas e diálogos com moradores de Imperatriz (MA). Por fim, para dar subsídio à busca de informações concernentes à razão de escolha dos topônimos que nomeiam os logradouros públicos investigados, foram realizados: Levantamento dos principais logradouros públicos da cidade de Imperatriz/MA; Fichamento dos dados obtidos; Discussão e sistematização dos dados; Elaboração de ficha lexicográfica-toponímica; e Classificação de topônimos.

6. Resultados

Os dados obtidos por meio das análises e estudos do corpus foram organizados em fichas dedicadas, separadamente, para cada bairro pes-

quisado. As fichas, denominadas “fichas lexicográficas-toponímicas”, foram elaboradas conforme os modelos de fichas propostos por Dick (2007) e Curvelo (2009; 2014), porém sofreram alterações e foram adaptadas segundo as necessidades da pesquisa.

Assim, em cada ficha há os seguintes itens: (1) topônimo: no qual é identificado o nome do bairro; (2) taxonomia: contendo a classificação taxionômica por meio de taxes de natureza física ou antropocultural, conforme as características obtidas sobre o topônimo; (3) verbete: nota de cunho enciclopédico, com o objetivo de esclarecer conceitos; (4) nota histórica/informativa: nota de caráter informativo, contendo dados históricos e/ou atuais sobre o bairro.

Nesse sentido, seguem as fichas dos bairros pesquisados: FICHA LEXICOGRÁFICA-TOPONÍMICA 1 TOPÔNIMO Bacuri TAXONOMIA Fitotopônimo VERBETE Planta nativa da Amazônia, de fruto grande e cor amarelada.

7. Nota histórica/informativa

A respeito do bairro Bacuri, após pesquisas e entrevistas, foi confirmada a hipótese de que este bairro possui essa nomenclatura devido à vegetação predominante: os bacurizeiros, sendo, portanto, um fitotopônimo. Essa planta é de região amazônica, majestosa, que há muito foi importante para o consumo da fruta e da polpa e para o madeireiro imperatrizense.

Durante a pesquisa, chegou-se também à verificação de que à vegetação deve-se, também, o nome do popular Riacho do Bacuri, localizado no bairro Bacuri, que por anos foi utilizado pela população. Hoje, no entanto, o riacho encontra-se degradado. Se antes havia ali nascente limpa da qual os moradores obtinham o elemento primordial para consumo e necessidades básicas, hoje não é mais possível utilizar-se do que restou do riacho poluído.

Essa situação leva a pesquisa a uma realidade cultural: a carência de consciência ambiental dos moradores.

FICHA LEXICOGRÁFICA – TOPONÍMICA 2

TOPÔNIMO Beira-rio

TAXONOMIA Hidrotopônimo

VERBETE Logradouro situado à margem do rio.

NOTA HISTÓRICA/INFORMATIVA

Tem-se o bairro Beira-rio, cujo nome foi dado por conta de um acidente hidrográfico: é um espaço geográfico situado à beira do Rio Tocantins. É importante pontuar que o rio foi responsável pelo crescimento primordial da cidade de Imperatriz, uma vez que, com a ausência de rota terrestre – necessidade que foi mais tarde suprida com a construção da Rodovia Belém-Brasília –, as transações eram exclusivamente executáveis por via fluvial.

Dessa maneira, o bairro Beira-rio foi um dos primeiros a se desenvolver devido sua localização geográfica. E assim cresceu a cidade: próxima ao rio. Por conta disso, pode-se perceber a estreita relação existente entre a cidade e o rio.

É presente nesse ponto a questão econômica – a pesca é um exemplo –, e especialmente a questão afetiva existente entre os indivíduos e o rio, em razão das inúmeras histórias que muitos – os mais antigos, em especial – já vivenciaram à beira d’água.

FICHA LEXICOGRÁFICA – TOPONÍMICA 3

TOPÔNIMO Centro

TAXONOMIA Cardinotopônimo

VERBETE Área de grande movimento comercial

NOTA HISTÓRICA/INFORMATIVA

É certo que o bairro Centro não se localiza no centro da cidade, todavia é classificado como um cardinotopônimo, pelo motivo de que foi nesse local onde foi instalada a sede de Imperatriz, a prefeitura. Apesar do que foi exposto, também não se exclui o caráter econômico de “Centro”, porque, conforme Curvelo (2014, p.78), “Centro representa não só o local onde foi implantada e permaneceu a sede [...], mas também a localidade que desempenhou importante papel econômico[...]”.

Sendo assim, o cardinotopônimo Centro, neste caso, não adere padrões geográficos, mas sim culturais.

FICHA LEXICOGRÁFICA – TOPONÍMICA 4

TOPÔNIMO Nova Imperatriz

TAXONOMIA Cronotopônimo

VERBETE Bairro localizado na região Norte de Imperatriz

NOTA HISTÓRICA/INFORMATIVA

O topônimo “Nova Imperatriz” tem relação com sua fundação posterior a alguns bairros do município. Há muito tempo, na localidade, as primeiras habitações foram as chácaras, sítios e fazendas e o fator determinante para o surgimento do bairro, o qual foi o crescimento das ruas principais da cidade (Rua Ceará, Rua Bernardo Sayão, entre outras).

O progresso das ruas gerou um comércio direcionado às localidades próximas ao centro. O avanço do comércio para o norte fez com que a localidade se destacasse. Tendo em mente que muitos outros bairros já estavam formados ao sul, o local ganhou o nome de Nova Imperatriz, indicando um ressurgir de Imperatriz ou um novo avanço econômico. Por possuir o adjetivo “novo”, esse bairro é classificado como cronotopônimo.

FICHA LEXICOGRÁFICA – TOPONÍMICA 5

TOPÔNIMO Juçara

TAXONOMIA Sociotopônimo

VERBETE Palmeira delgada, alta e elegante

NOTA HISTÓRICA/INFORMATIVA

Juçara é uma árvore frutífera popular em Imperatriz, contudo, ao longo da pesquisa, foi descoberto que o nome do bairro deu-se, de fato, por conta do antigo clube sócio-recreativo Juçara, ou Juçara Clube criado em 1971, que está localizado dentro desse bairro, uma vez que a associação foi um convite para que pessoas passassem a comprar lotes de terra de latifundiários próximos ao clube.

FICHA LEXICOGRÁFICA – TOPONÍMICA 6

TOPÔNIMO Entroncamento

TAXONOMIA Cardinotopônimo

VERBETE Ponto de junção de dois ou mais caminhos

NOTA HISTÓRICA/INFORMATIVA

Entroncamento é a palavra que nomeia o ponto em que caminhos se unem.

Esse topônimo é, portanto, um cardinotopônimo, por ter obtido tal nomenclatura devido sua localização geográfica. Isso, pois, após a abertura da rodovia Belém Brasília, o Bairro Entroncamento surgiu entre as duas extremidades da cidade, localizando-se ao centro de ambas as partes e unindo-as.

FICHA LEXICOGRÁFICA – TOPONÍMICA 7

TOPÔNIMO Mercadinho

TAXONOMIA Sociotopônimo

VERBETE Diminutivo de mercado

NOTA HISTÓRICA/INFORMATIVA

O bairro Mercadinho – diminutivo de mercado – é conhecido pela sua vasta movimentação comercial. Considerando sua localização, é um bairro desenvolvido longe do rio, pois a Rodovia Belém-Brasília já havia sido implementada, logo, não havia necessidade de permanecer ao lado do rio, uma vez que o comércio via terrestre já era possível. O Mercadinho é classificado taxonomicamente como sociotopônimo, porque é um topônimo que se refere às atividades profissionais, aos locais de encontro de profissionais ou aos lugares onde moram determinados trabalhadores. Ou seja, o espaço geográfico hoje conhecido como Mercadinho por ser, desde a origem, um ponto onde se reuniam vendedores para trabalhar, esse local adquiriu tal nomenclatura.

A partir desse bairro (e de outros já citados) pode-se perceber o quanto a questão econômica exerce influência no cidadão imperatrizense e, por consequência, no ato de nomeação de lugares da região.

FICHA LEXICOGRÁFICA – TOPONÍMICA 8

TOPÔNIMO Vila Lobão

TAXONOMIA Antropotopônimo/Poliotopônimo

VERBETE Lobão é o sobrenome de um político maranhense

NOTA HISTÓRICA/INFORMATIVA

O bairro Vila Lobão possui uma história complexa, a qual gera muitos questionamentos. Esse bairro, assim como tantos outros dentro do

município, mas que não foram abordados nesta pesquisa, é resultado de invasão aos latifúndios não produtivos. E é, taxionomicamente, classificado como antropotopônimo, pois faz referência a um nome próprio de pessoa, e também é um poliotopônimo, pois possui o vocábulo Vila.

Nas situações de invasões, o processo de tomada de terras ocorre inicialmente de forma ilegal, podendo, posteriormente tornar-se um bairro oficial. Um aspecto das invasões é a forma como ela se manifesta, pacificamente ou não, sendo necessário “fazer justiça com as próprias mãos” ou não, podendo conduzir os invasores a momentos de luta, dor e resistência.

É nesse contexto que surge a figura do atualmente Senador Edson Lobão, que foi uma dos principais nomes responsáveis por tornar oficial a existência daquele aglomerado de casas e pessoas. Foi dado a esse local o nome de Vila Lobão, declaradamente em homenagem a este político. Nesse momento, é cabível questionar o motivo de ter sido essa a escolha do nome local, haja vista que se proíbe, pela lei 6.454, de 24 de outubro de 1977, que logradouros públicos na União recebam nome de pessoas vivas, tendo-se em mente que essa é uma atitude, muito provavelmente, de autopromoção.

Além disso, por meio dessa problemática, pode-se entender que existe ainda uma relação de poder político sobre o povo.

FICHA LEXICOGRÁFICA – TOPONÍMICA 9

TOPÔNIMO Vila Carajás

TAXONOMIA Etnotopônimo/Poliotopônimo

VERBETE Carajás é uma tribo indígena

NOTA HISTÓRICA/INFORMATIVA

O topônimo Vila Carajás é classificado como etnotopônimo/poliotopônimo. Observa-se que o nome deriva da etnia indígena Carajás e, além disso, tem associado a si a característica de poliotopônimo, ou seja, algo que agrega como vocábulo classificatório as terminologias: aldeia, vila, povoação e arraial.

8. *Considerações finais*

Diante dessa pesquisa, foi possível perceber que, taxionomicamente, a maior parte dos topônimos relativos aos principais bairros da cidade de Imperatriz/MA foram classificados como de natureza antropocultural, englobando 55.6% dos bairros pesquisados, enquanto 44.4% dos topônimos foram classificados como de natureza física.

Dessa forma, pode-se inferir que do total de bairros estudados, a maioria tem como fatores motivadores de nomeação a história e a cultura local. Nesse sentido, as nomeações dos bairros pesquisados registram elementos culturais, pertencentes ao povo imperatrizense, bem como hábitos, estrutura organizacional e aspectos políticos, os quais caracterizam e identificam os moradores da cidade e que se associam de maneira intrínseca à história do município.

De modo geral, esta pesquisa possibilita uma visão panorâmica da comunidade linguística imperatrizense, a qual recebe influências de fatores externos. Por fim, é possível afirmar que este estudo toponímico tem valor fundamental e relevante tanto de um ponto de vista linguístico, quanto antropocultural, já que, a partir desta pesquisa, torna-se clara a percepção de inúmeros traços particulares do povo de Imperatriz-MA, tais quais a questão do poder, da economia e, até mesmo, da temática ambiental. Além disso, é uma pequena e não menos importante contribuição para o resgate da cultura parcialmente esquecida, trazendo à tona fatos históricos importantes que devem ser mantidos em registro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTIANI, Carla. *Relações entre nome e lugar: estudo dos nomes das Escolas Públicas de Porto Nacional em uma perspectiva nterdisciplinar da geografia e da toponímia*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Tocantins). Araguaína: UFT, 2016.

CARVALINHOS, Patricia de Jesus. Onomásticas e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. In: *Revista USP*. São Paulo, 2002-2003.

CARVALHINHOS, P. J. Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. In: Maria Célia Lima-Hernandes; Maria João Marçalo; Guaraciaba Micheletti; Vima Lia de Rossi Martin. (Org.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. *Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís-MA*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará). Fortaleza: UFC, 2014.

DAL PIZZOL, Elis Viviana. *Os nomes das escolas da cidade de Bento Gonçalves: Uma Perspectiva Onomástico-Cultural*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul). Bento Gonçalves: UCS, 2014.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

_____. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. In: *Revista Trama*. Volume 3, n. 5. 2007.

FAGGION, Carmem Maria; MISTURINI, Bruno. Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade. In: *Linha D'Água* (Online), São Paulo, v. 27, n. 2, p. 141-157, dez. 2014.

SANCHES, Edimilson *et al.* *Enciclopédia de Imperatriz: 150 anos: 1852-2002*. Imperatriz-MA, 2003.